



INTERTEXTUALIDADE E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA LITERATURA: ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Fernanda Medeiros de Figueirêdo ¹

RESUMO

Este artigo trabalha a intertextualidade existente entre a obra *O exército de um homem só* (1973), do escritor Moacyr Scliar, e a música de mesmo nome, autoria do cantor e compositor Humberto Gessinger, lançada no álbum *O papa é pop* (1990), da banda Engenheiros do Hawaii. A partir disso, foi produzida uma sequência didática com o objetivo de se trabalhar essa temática em uma sala de aula do 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular de Campina Grande, na Paraíba, a qual não tivemos autorização para divulgar o nome da instituição. O fato é que 23 alunos participaram do estudo e relacionaram as semelhanças e diferenças encontradas entre as obras, expondo seus pontos de vista através de um texto dissertativo, com média de 30 linhas, produzido em sala de aula. Embasados nos aportes teóricos de Mikhail Bakhtin, Tiphaine Samoyault, Ingedore Koch e Eric Landowski a respeito da intertextualidade, construção identitária e reconhecimento do outro na literatura, procuramos elucidar como a narrativa de Moacyr Scliar pode se configurar enquanto recurso didático para a compreensão desses conceitos frente às relações político-sociais que permeiam o mundo.

Palavras-chave: Intertextualidade, Construção identitária, Moacyr Scliar, Literatura.

INTRODUÇÃO

As motivações para este artigo surgiram a partir da pesquisa de mestrado da própria autora a respeito do dialogismo presente na obra do escritor gaúcho Moacyr Scliar e pesquisas paralelas a respeito do reconhecimento do outro, do estrangeiro, do diferente. Após ler o romance “O exército de um homem só”, publicado pela primeira vez em 1973, constatou-se que a narrativa permitia uma compreensão de mundo e das relações político-sociais através da literatura, sendo este um tema propício para ser trabalhado em sala de aula, observando, a partir disso, como os alunos se posicionavam frente a um tema polêmico e sempre atual, o preconceito diante das diferenças existentes entre os indivíduos.

O fato é que, através do referido romance, foi constatada uma abordagem sensível e complexa do comportamento humano e da própria língua por parte do escritor Moacyr Scliar, judeu, e que apresenta aos leitores as marcas do preconceito e a relevância dos processos

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fernanda.figueiredo@professor.educ.al.gov.br.



relativos à diferença e à identidade que se sobrepõe em uma relação de poder do mais forte, uma luta pela hegemonia que tem início em uma espécie de demarcação de território através das culturas.

Assim sendo, identificou-se que a intertextualidade (ou dialogismo, como apresentado na fortuna crítica de Mikhail Bakhtin) pode ser estudada em sala de aula como forma de contribuir para o exercício de interpretação por parte de jovens leitores no que tange às teias que unem esse tipo de relação textual que transcende o próprio texto e levantam questões incansavelmente debatidas na contemporaneidade, que cada dia tem revivido mais a volta de grupos que resgatam a ideologia política de Adolf Hitler, hoje chamados neonazistas.

Então, o tema desta pesquisa é exatamente a intertextualidade e a construção identitária na literatura, abordando como uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular de Campina Grande, com 26 alunos, interpretou essas relações através da leitura da narrativa e a subsequente comparação com a música de mesmo nome, “O exército de um homem só”, que é a 1ª faixa do disco *O Papa é Pop* da banda Engenheiros do Hawaii, lançado em 1990.

A questão norteadora desse estudo foi como a intertextualidade presente na obra “O exército de um homem só”, de Moacyr Scliar, poderia contribuir para o aprendizado do reconhecimento do outro através da arte. Dessa maneira, o diálogo acerca das relações interpessoais unidas pelo viés dialógico da comunicação será abordado de forma que adolescentes identifiquem o estranhamento à cultura do outro como algo nocivo à sociedade.

Nosso objetivo geral foi então compreender como a narrativa de Moacyr Scliar podia se configurar enquanto recurso didático para a compreensão da intertextualidade e das relações político-sociais que permeiam o mundo. Para isso, aplicamos em sala de aula uma sequência didática distribuída em quatro momentos distintos, iniciando com a verificação do conhecimento prévio que os 29 alunos da sala tinham com a obra *O exército do homem só*, do escritor Moacyr Scliar, ou mesmo com a música de mesmo nome, da banda Engenheiros do Hawaii.

Após a leitura do romance e a discussão a respeito da obra, os alunos produziram um texto dissertativo analisando como a narrativa contribuiu para o reconhecimento da cultura do outro, considerando o Brasil um país diverso e multicultural. A maioria se posicionou afirmando que diálogos como esse, feitos através da literatura, podem ajudar a diminuir preconceitos.



METODOLOGIA

Inicialmente, esta pesquisa foi pautada em fontes bibliográficas relativas ao objeto de estudo, a intertextualidade e a construção identitária na literatura. Outro artifício de suma importância para realização da pesquisa foi a sequência didática, que serviu para lembrarmos onde deveríamos chegar e quais os meios necessários para concluirmos nosso objetivo, que era propiciar o ensino-aprendizagem do gênero discursivo mencionado e verificar como a narrativa de Moacyr Scliar podia se configurar enquanto recurso didático para a compreensão da intertextualidade com a música trabalhada em sala de aula e das relações político-sociais que permeiam o mundo.

Para efetivar a exploração desta pesquisa e atingir os objetivos propostos, foi desenvolvido um processo de participação e observação pautado na coleta e análise de dados, surgidos durante as interações no campo de pesquisa, que é uma escola particular, localizada em Campina Grande. Vale lembrar que a instituição não autorizou a divulgação de seu nome ou qualquer outro registro do ambiente escolar, como fotos da turma ou atividades realizadas. Segundo a diretoria, com esta decisão pretende-se unicamente resguardar a privacidade dos alunos e garantir o direito à preservação da imagem dos adolescentes.

As dependências da escola, no entanto, eram adequadas à quantidade de alunos matriculados. O 3º ano do Ensino Médio, do período da manhã, onde especificamente realizamos nossa pesquisa, se situava em uma sala ampla na qual estudavam 26 alunos. Na instituição havia dependências adequadas às aulas com apresentação de vídeo, utilização de pesquisas na internet, entre outros artifícios que se concentravam na sala multimídia. A apresentação da música de Engenheiros do Hawaii foi feita na própria sala de aula da turma, através de um aparelho de som disponibilizado pela escola.

Esta pesquisa é pautada numa abordagem qualitativa que tem como principal característica a busca da compreensão das ideias suscitadas a partir dos nossos encontros e, principalmente, a partir dos textos dissertativos produzidos pelos alunos. As informações obtidas são interpretadas e não quantificadas, precisamente, utilizando ainda a observação participante como técnica na qual os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, de forma a tentar compreender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam.

O universo da turma era de alunos com faixa etária entre 15 e 17 anos de idade, dos quais nenhum havia tido contato com as obras do autor gaúcho Moacyr Scliar, que, com um humor amargo, conta toda a saga de Birobidjan, o solitário pregador de um mundo melhor,



seu louco humanismo quixotesco e os sonhos mágico que tinha a partir de seus ideais de luta e revolução por uma sociedade mais justa. Nosso primeiro contato realizou-se no dia 23 de outubro de 2018, posteriormente houve um intervalo de 15 dias, contando com os fins de semana, para que os alunos pudessem ler a obra sugerida.

Em seguida, no dia 7 de novembro, apresentamos a música *o Exército de um homem só*, da banda Engenheiros do Hawaii, autoria do cantor Humberto Gessinger, retomando os propósitos da obra de Scliar ao apresentar um eu lírico de ideais utópicos, baseados em um homem solitário que não importa-se com bandeiras ou fronteiras a defender, desde que conclua o “difícil exercício de viver em paz”. A seguir, a música, na íntegra:

Não importa se só tocam
O primeiro acorde da canção
A gente escreve o resto em linhas tortas
Nas portas da percepção
Em paredes de banheiro
Nas folhas que o outono leva ao chão
Em livros de histórias seremos a memória dos dias que virão
Se é que eles virão

Não importa se só tocam
O primeiro verso da canção
A gente escreve o resto sem muita pressa
Com muita precisão
Nos interessa o que não foi impresso
E continua sendo escrito à mão
Escrito à luz de velas quase na escuridão
Longe da multidão

Somos um exército, o exército de um homem só
No difícil exercício de viver em paz
Somos um exército, o exército de um homem só
Sem bandeira
Sem fronteiras
Pra defender
Pra defender

Não importa se só tocam
O primeiro acorde da canção
A gente escreve o resto e o resto é resto
É falsificação
Sangue falso, banguê-banguê italiano
Suíngue falso, turista americano
Livres desta estória, a nossa trajetória não precisa explicação
E não tem explicação

Somos um exército, o exército de um homem só



No difícil exercício de viver em paz
Somos um exército, o exército de um homem só
Sem bandeira
Sem fronteiras
Pra defender
Pra defender

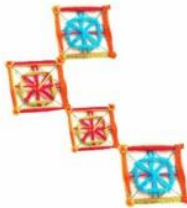
Não interessa o que o bom senso diz
Não interessa o que diz o rei
Se o jogo não há juiz
Não há jogada fora da lei
Não interessa o que diz o ditado
Não interessa o que o Estado diz
Nós falamos outra língua
Moramos em outro país

Somos um exército, o exército de um homem só
No difícil exercício de viver em paz
Nesse exército, o exército de um homem só
Todos sabem
Que tanto faz
Ser culpado
Ou ser capaz
Tanto Faz...

(Humberto Gessinger, 1990)

Então, a partir do reconhecimento das duas obras trabalhadas na pesquisa, os alunos (apenas três deles não participaram da atividade), produziram textos dissertativos ressaltando a intertextualidade, da forma como compreenderam este conceito, entre narrativa e música. Dos 26 alunos da turma de 3º ano, três não participaram da atividade proposta de produção textual no dia 09 de novembro. É importante lembrar ainda que a professora de português esteve presente durante todas as abordagens, nos quatro encontros realizados. Após a produção das dissertações, com a proposta que tivesse uma média de até 30 linhas cada uma, constatamos que 10 dos 23 textos apresentavam menos de 15 linhas, os demais eram mais elaborados, mas ainda com alguns problemas relacionados à falta de coesão textual, erros gramaticais, entre outros entraves de comunicação.

Para solucionar estes ruídos comunicacionais e entendermos o ponto de vista de cada um dos 23 alunos que produziram o texto, no último encontro, no dia 13 de novembro, realizamos uma correção comentada, na qual os alunos poderiam propor mudanças ao texto do colega e, mais que isso, poderiam discutir sobre o tema do preconceito contra o estrangeiro



e reconhecimento do outro, de forma que nosso encontro provocasse uma reflexão aprofundada, contribuindo para que cada pessoa ali presente pudesse expor seu ponto de vista.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolver o trabalho proposto, nos inspiramos na teoria do linguista russo Mikhail Bakhtin (2009), em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, acerca das relações dialógicas ou da intertextualidade como esta é concebida hoje. De acordo com o filósofo citado, o meio social disponibiliza um acervo de signos a serem utilizados nas enunciações e este conduz a um “reflexo da inter-relação social” do locutor e sua “individualização estilística”. Assim, a obra *O exército de um homem só* (1973), do escritor Moacyr Scliar, nos apresenta um enredo que dialoga com outros discursos, remetendo a questões judaicas, cristãs e proporcionando ainda abertura para inúmeros interdiscursos que, como uma teia, se interligam e se reconstróem.

O personagem principal da obra de Scliar, Mayer Guinzburg, era um judeu que deixou a Rússia ainda criança, em 1916, partindo com a família em uma atribulada viagem de navio com destino ao Brasil. Já no país, a família Guinzburg buscou uma vida nova, longe de perseguições e dos terríveis pogroms, dos quais era o alvo. Diferente dos familiares e amigos, Mayer criou para si uma existência própria: distante dos outros e próximo de sua história e suas memórias. A partir de uma narrativa em terceira pessoa, a obra apresenta um protagonista que fala de ideais revolucionários, encerrando-se em um mundo irreal e obsessivo onde ele é o Capitão Birobidjan, personagem quixotesca, possuidora de sonhos mágicos e de um humanismo desenfreado, praticamente insano.

Poderíamos dizer que Scliar criou um personagem que teria como criatura um segundo personagem. O capitão, um ser solitário e aparentemente louco, era também um utópico que buscava uma sociedade mais justa e igualitária, vivendo seus devaneios com extrema esperança de que tudo poderia tornar-se real em uma comunidade que ele mesmo batizou de Nova Birobidjan, mas que nunca chegaria a existir. A narrativa de Scliar, estruturada em uma temporalidade que transita em vários períodos, envolve o leitor em uma atmosfera fantástica que retoma antigos discursos, como à caça ao povo judeu e a luta dessas pessoas para se restabelecerem em outro lugar, com uma cultura totalmente distinta.

Desta forma, considerando as relações intertextuais entre a literatura e o universo sociocultural presentes na obra de Moacyr Scliar, é possível ainda analisarmos a intencionalidade dos discursos polifônicos construídos por um sujeito falante, remetendo à



transcendência de vozes sociais ligadas a enunciados ideológicos. Neste caso, o sujeito falante seria o Capitão Birobidjan, a quem Scliar dá vida, sendo responsável por construir discursos muitas vezes polêmicos e perturbadores, como a crise de identidade do protagonista Mayer Guinzburg considerando que em sua juventude os ensinamentos de seu pai a respeito do judaísmo não lhe interessavam, pelo contrário, até contrariavam suas vontades revolucionárias.

Na verdade, na obra em questão, Mayer Guinzburg faz parte de uma família de imigrantes judeus que moram no Bom Fim. Revolucionário, de início (quando jovem), Mayer bate de frente a tudo, inclusive contra sua própria condição de judeu, embora aos poucos vá se tornando muito parecido com seu pai e adotando uma postura cristã que antes ele não possuía.

Sobre a enunciação, podemos dizer que é o ato interativo entre indivíduos socialmente organizados e que dispõem de um mesmo sistema linguístico para que haja uma efetiva compreensão do produto final, o enunciado em si. A partir das considerações de Bakhtin, podemos intuir que esta enunciação, basicamente, é responsável pelas condições de produção e recepção dos enunciados e é pensada, a priori, como um mecanismo intencional que tem como objetivo repassar uma informação repleta de significação para quem é direcionada.

É relevante lembrarmos ainda que a linguagem enquanto atividade social, assim entendida por Bakhtin (2010, p. 126), constitui-se enquanto um discurso no qual a palavra sempre é dirigida ao outro e surge como resposta ao discurso de outro, endossando a infinita cadeia de comunicação verbal ininterrupta, a qual nos leva também a correlacionar textos e esbarrarmos em conceitos posteriores relacionados à teoria de Bakhtin: a exemplo da intertextualidade, a hipertextualidade, transtextualidade e tantos outros que foram criados mais tarde com o intuito de pormenorizar a dialogia. “Qualquer enunciação, por mais significativa e complexa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta.” (BAKHTIN, 2010, p. 126).

Desta forma, verificamos que estamos ligados por uma corrente infinita de enunciados, um enorme diálogo empreendido por todos ao longo do tempo, e é graças a este pensamento que definimos que a obra de Scliar está ligada a essa tradição judaica exatamente quando a enxergamos através da ótica bakhtiniana dialógica. Por outro lado, a música *O exército de um homem só*, de Engenheiros do Havaii, lançada em 1990 com o mesmo nome da obra de Scliar, se baseia na perspectiva de reconhecimento do outro através de diálogos que se interligam e se reconstróem.

Baseando-nos na ideia de Bakhtin que “toda interação verbal é apenas um elo de uma grande cadeia” e que, por conseguinte, um texto faz alusão explícita ou implícita a um outro



texto, podemos então perceber que a canção, da mesma forma que possui profunda correlação com a obra de Scliar, pode ainda se interligar com a tradição judaico cristã ou tantas outras que parecem ditar para a sociedade o que os indivíduos são a partir de suas ideologias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da sequência didática aplicada em sala de aula, coletamos 23 textos dissertativos que discorriam sobre a relação intertextual entre romance e música aqui apresentados. Após a leitura de todos eles, verificamos que, apesar de problemas comuns ocorridos em sala de aula, como falta de compreensão de alguns conceitos evidenciados nas obras ou até mesmo fuga do assunto em questão, a maioria dos alunos, pelos menos 10 dos 23 que participaram da dinâmica textual, possuía uma opinião formada a respeito da diversidade cultural e dos preconceitos existentes no convívio social, seja de qual natureza fosse. Além disso, esses mesmos alunos souberam redigir e contextualizar o conhecimento que possuem a respeito do tema, o que não significa que os demais alunos, que escreveram menos de 15 linhas ou que fugiram ao tema proposto na redação não sabem se posicionar a respeito do que foi solicitado.

Na realidade, com o último encontro e a socialização dos textos entre os alunos, a professora e a própria pesquisadora, realizado no dia 13 de novembro, foi possível ampliar o debate acerca da obra e até perceber que, pelo menos cinco dos 10 alunos que redigiram o texto de forma mais elaborada, não haviam lido a obra de fato, e sim feito um juízo de valor da discussão a partir de resumos comentados na internet, situação que é reclamação recorrente por parte de professores, inclusive da instituição onde aplicamos a atividade.

Para fins de registro é interessante dizer que os 23 alunos participantes da pesquisa realmente se disponibilizaram a participar da sequência didática, sem nenhum tipo de recompensa por parte da professora de português. Destes, nove eram do sexo masculino e 14 do sexo feminino, este último grupo tendo maior participação no estudo e desenvoltura no processo de leitura e interpretação dos textos trabalhados.

O debate que realizamos após a leitura da obra, o contato com a música e a escrita da dissertação, aparentemente, teve um retorno comunicativo mais rápido, já que pudemos verificar que as principais dificuldades pontuadas pelos alunos ao relatarmos seus pontos de vista foram, principalmente, com relação às dificuldades empreendidas pela exigência da norma culta nos textos. Assim, a oralidade como recurso didático ainda é mais atraente aos



alunos do que a escrita em si, isto porque a obrigatoriedade da norma culta e o rigor das normas gramaticais causam um certo entrave na relação professor/aluno. Prova disso é que outra aluna garantiu que compreendeu a mensagem repassada pelos gêneros, embora, segundo ela, não tenha “competência” para colocar no papel aquilo que aprendeu em nossos encontros.

Uma quarta aluna, de 16 anos, a quem denominaremos Maria, relatou em seu texto que apesar da semelhança entre os personagens das obras em questão, a grande diferença está no contexto histórico e até na forma que se evidencia os discursos.

A narração fantástica é um ponto em comum entre as obras, mas, é importante que falamos também da diferença que provoca uma mesma questão ser abordada por uma banda de rock ou por um escritor literário. Se os públicos a quem ele irá chamar atenção são diferentes, isso significa que cada pessoa também irá entender de sua própria maneira. Portanto, o que une tudo e garante a preservação da intertextualidade debatida nessas aulas é o reconhecimento da cultura e da subjetividade de outra pessoa que apesar de diferente de mim, merece o mesmo respeito. (Maria, 2017).

Consideramos que a leitura dos textos produzidos pelos alunos nos serviu como base para avaliar o distanciamento entre a argumentação oral e a produção textual escrita. Os alunos da turma de 3º ano que participaram da pesquisa acharam a relação intertextual satisfatória, embora tenham defendido que o dialogismo entre gêneros diferentes é mais atrativo quando o livro transforma-se em produção audiovisual.

A música *O exército de um homem só*, da banda Engenheiros do Hawaii, foi bem aceita, embora nem todos os presentes gostem do pop rock. Apesar disso, os estudantes concordaram que a música, por ser intimista e subjetiva, retrata bem a obra de Moacyr Scliar, que narra em terceira pessoa as aventuras de um homem que traz consigo toda a trajetória do seu povo, o que ele chama de “angústia judaica” e, através disso, as marcas do preconceito vivido pelo estrangeiro, pelo diferente, aquele que não se enquadra nos padrões de uma nação corrupta, repleta de ódio e guerras por dinheiro e poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação da sequência didática com base no reconhecimento da intertextualidade entre as obras de Moacyr Scliar e Humberto Gessinger, constatamos que o estudo dos gêneros em sala de aula e o diálogo engendrado entre eles no cotidiano contribuiu significativamente para o exercício de interpretação dos jovens leitores. No entanto, um



obstáculo que necessita ser superado é a ideia de que a literatura em si ainda é uma disciplina distante dos alunos, tendo em vista que a norma culta da língua surge como empecilho à interpretação e familiarização desses textos, sejam estes romances, contos, poemas, entre outros.

A discussão sobre os temas de corrupção e ódio na contemporaneidade foi satisfatória, no entanto, a exposição escrita deste diálogo não correspondeu à expectativa de produção dissertativa de alunos entre 15 e 17 anos de idade. De acordo com o relato da professora de português responsável pelas disciplinas de gramática, literatura e redação, os alunos só realizam dissertações como treinamento para as redações de Enem e outros vestibulares, ou seja, o texto escrito é produzido mais por obrigação do que pelo prazer de escrever e expor um ponto de vista.

Dessa maneira, concluímos ainda que a atividade propiciou um aprendizado de reconhecimento do outro e identificação do estranhamento existente com outras culturas distintas da nossa. Além disso, foi verificado que a narrativa de Scliar serviu muito bem enquanto recurso didático para identificação de problemas que limitam o aprendizado dos alunos em sala de aula – fator que pode também servir para a realização de pesquisas futuras sobre os entraves no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** o contexto de François Rabelais. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013a.

_____. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** 5ª. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita:** apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de: Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro:** Ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.



MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 2012, 160 p.

APÊNDICE

Sequência Didática segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly

A sequência didática ora apresentada destina-se a alunos do 3º ano de uma escola particular no município de Campina Grande. Nela, trabalhamos com o romance *O exército de um homem só*, do escritor Moacyr Scliar e também com a música de mesmo nome, da Banda Engenheiros do Hawaii, ao longo de cinco aulas de 50 minutos cada (lembrando que nos utilizamos para aplicação desta sequência didática dos últimos 20 minutos da aula). Além de propiciar o ensino-aprendizagem do gênero discursivo mencionado, a aplicação desse conjunto de atividades organizadas tem como objetivo verificar como a narrativa de Moacyr Scliar pode se configurar enquanto recurso didático para a compreensão da intertextualidade e das relações político-sociais que permeiam o mundo. Esta questão é objeto de estudo do trabalho de conclusão de curso intitulado “Intertextualidade e construção identitária na literatura: uma abordagem em sala de aula”.

Conteúdo	Objetivos
1ª Oficina (23/10): Conhecendo a obra	- Verificação do conhecimento prévio e do contato ou não com a obra <i>O exército do homem só</i>, de Moacyr Scliar. Contextualização do autor e da obra. (Dar uma pausa de aproximadamente 15 dias até o próximo encontro, para que os alunos tenham tempo de ler o romance de 147 páginas).
2ª Oficina (07/11): Discutindo o romance (relacioná-lo com música)	- Discutir as impressões dos alunos sobre a obra e, ao final do encontro, apresenta-los à música de mesmo nome do romance, que é a 1ª faixa do

	<p>disco O Papa é Pop da banda Engenheiros do Hawaii, lançado em 1990.</p> <p>- Conversar com a turma e ouvir quais as semelhanças e diferenças que eles puderam constatar ao comparar as duas produções – livro e música.</p>
<p>3ª Oficina (09/11): Produção textual</p>	<p>Pedir aos alunos que produzam um texto nos moldes da redação do Enem, analisando até onde a obra contribui para o reconhecimento da cultura do outro, considerando o Brasil um país diverso e multicultural; Assim, como diálogos como esse, feitos através da literatura, podem ajudar a diminuir preconceitos.</p>
<p>4ª Oficina (13/11): Correção comentada</p>	<p>Finalização da sequência, promovendo a reflexão dos alunos sobre o que foi feito.</p>